

## Saída de emergência

Jonatas T. Barbosa

O livro “A Lei do Triunfo” estava aberto na página quarenta e três. Clóvis leu a última palavra, uma centena de vezes, lambeu a ponta do dedo e passou para a próxima. Os lábios se moviam devagar. A voz escapava involuntária, feito uma prece.

- “Edifon era, como todof fabem, um filófofo, um fientifta e um infentor. (...) o maif profundo eftudante da Bíblia. (...) Tinha um conhefimento tão profundo da naturefa.”

Levantou os olhos, sem focar nada em específico. A plataforma não tinha ninguém interessante. Nenhum sinal de vagões. Piscou repetidas vezes. Coçou as pálpebras. Ajustou as lentes que davam um tom verde acastanhado bonito. Tornou a leitura:

- “((...) Edifon talvez ainda realifafe a captafão e interpretafão correta daf vibrafõe do penfamento que palpitam no éter do univerfo.) (...) Foi ele quem primeiro dominou a fentelha, tranf-formando-a em luf para o ufo do homem, (...). (...) fob qualquer pretenfo poder fobre-humano, maf fim, no meio da luf clara da fiênfia.”

Clóvis sentiu alguém se aproximar. A cadeira azul balançou sob a pressão do assento ao lado. Não demonstrou interesse. Continuará a leitura ignorando o vulto. Mas ele reconhecia aquele cheiro incomum. Cheiro de limbo e nicotina. Amassou a ponta da folha e fechou o livro. Não gostava de parecer desajeitado. Praticamente nunca deixava que identificassem sua insegurança. Vigia os tremores. Evitava gestos em que podiam ler suas fraquezas. Entretanto, aquele cara via através do crânio. Se desse crédito a tolices

semelhantes a espírito, alma ou aura, diria que Ednei tinha plena ideia de que eram feitas, de onde vinham e a maneira como um dia se apagariam.

Abriu a mochila e guardou o volume grosso entre os recipientes de remédio e as provas aguardando correção. Ednei se virou sem sorrir. Mas ele sentia o ar irônico com que o senhor mexia nos óculos escuros. Levou um cigarro para trás da orelha. Apesar de, há seis meses, encontrando-se com ele, sempre no mesmo lugar e na mesma hora, vestindo a mesma camisa social listrada de manga curta, a mesma calça de brim que levanta demais ao sentar, o rosto tão alheio que poderia ser qualquer rocha daquele monte despovoado do outro lado da estação, apesar da presença habitual daquele homem, não se acostumava com aquelas provocações. Era como se soubesse o quanto seu interior não passava de vidro fino. Um gesto, a frequência sonora adequada, tudo se partia.

- Que foi? - Clóvis encarou-o, tentando parecer descontraído. - Não fai me difer que agora o fenhor gosfa fe ler.

Ednei ajustou o volume do cano debaixo da cintura, e respondeu:

- De nada sei, professor.

Cruzou as pernas e amassou uma embalagem de cigarro. Clóvis ladeou um sorriso.

- Por que olhou pra ele enfão?

- Para o quê?

- Pro littro, ora.

- O de capa vermelha?

- Fem outro?

- Primeira vez que te vejo com autoajuda. Estranhei.

Clóvis balançou a cabeça.

- Ok. Maf não fabia que focê fostafa de livrof.

- Eu sei ouvir.

Clóvis não entendia metade das colocações de Ednei. Porém, havia algo atraente na forma que se expressava.

- Chegou mais cedo hoje, professor.

- Eftão confertando af intalafões de luf. Me liberaram. E o fenhor? Refolfeu o negófiio com a mulher?

Ednei era reservado em relação ao seu casamento. Prendeu a respiração por um segundo, e apertou o maço de cigarro no bolso da camisa. Não tinha amigos para conversar. Mas gostava daquele pobre diabo. Apesar, de, às vezes, mencionar assuntos que não deveria.

- Minha esposa... ela está em casa. Na mesma. Não mudou nada. Sabe que horas são?

Ednei sabia que ele não usava relógio de pulso. Lembrava as correias com que prendiam suas mãos no hospital psiquiátrico. Ednei achava tolice no início, a história sobre traumas, sobre marcas profundas que faziam as pessoas terem medo de insetos, palhaços e altura.

Clóvis se voltou à senhora em pé segurando a mão de uma criança.

- Fem horas?

-

A velhinha deu dois tapinhas no relógio de ponteiro:

- Dez pras três.

- Ofrigado.

O garoto arregalou os olhos.

Clóvis tentou passar a mão em sua cabeça, mas a criança se escondeu atrás da avó. Depois correu em direção à beira da plataforma. A velha se afastou, dando meios saltos, e pedindo desculpas.

- Venha cá, Túlio! - gritou.

Clóvis não abaixou a cabeça. Nem se constrangeu. As linhas faciais se contiveram. Ednei pôs a mão no ombro do companheiro, tirou o cigarro de trás da orelha e ofereceu.

- Você acredita no Diabo, garoto? Que ele existe? - Tira um isqueiro do bolso. Clóvis nota a sujeira negra por baixo da unha roída.

- Diabo?

- Nós que já estivemos no inferno sabemos como é. Sabe aquela mulher que te para na rua, te pergunta se você acredita em Deus... é fácil acreditar em Deus se você nunca viu o inferno. Agora, pouca gente acredita no Diabo, garoto. As pessoas acham que acreditam, mas só nós, que já estivemos no inferno podemos falar sobre o Diabo.

Era um daqueles momentos. Ednei falava mais quando conversava coisas estranhas.

- É como uma bússola, - continuou, acendendo a chama do isqueiro. Você não precisa saber como funciona para entender que ela aponta para o lugar certo.

O metrô roncava como o interior de uma concha. As janelas refratavam ao longe as luzes cortantes dos refletores. Aquele papo estava mais insano do que o normal, pensou Clóvis. Mas antes que ele se levantasse às pressas e pudesse agradecer, Ednei, pela primeira vez em muitas vidas, olhou no fundo dos seus olhos, pôs o isqueiro no bolso da calça e disse:

- Aqui está a chama da estrela que caiu, - beijou-lhe a testa. - A primeira luz que brilhou de manhã.

Clóvis confuso, pergunta.

- E fofê, não fai?

- Hoje não. Hoje eu vou pra Pavuna, professor.

O metrô não estava cheio. As multidões o perturbavam. Qualquer pouca agitação, como a de shopping ao meio dia, ou a do centro da cidade, já o afligia. Sentia-se num formigueiro, sendo devorado por picadas que doíam feito cortes a foice. Mas Clóvis não precisava se esforçar para ignorá-los. Controlava a histeria num estalar de dedos. Não era difícil. Um par de comprimidos. Descobrira que se diluísse debaixo da língua absorveria mais rápido e em instantes seu sangue levaria a substância amarga para o cérebro. O corpo não ficava mole, relaxado como os remédios da clínica psiquiátrica. Estes o permitiam se sentir normal. Davam a sensação de estar onde quisesse. Numa praia, numa montanha, no fundo de um rio, longe.

Uma garota entrou no vagão. Ele estava um pouco longe, mas conseguia imaginar o cheiro dela. O rapaz que a acompanhava carregava um instrumento musical. Deviam ser argentinos, pensou. Pessoal sujo. A música não era desagradável. Mas ele ignorou a canção. Estava no fundo de uma caverna com a moça. Acompanhava o movimento dos lábios, os gestos dramáticos das mãos. Não gostava de peitos pequenos, mas achou aqueles ideais. Eram perfeitos. Cruzou as coxas dobrando a virilha, mas não sentia nada entre as pernas. Uma das desvantagens da droga era ficar broxa. Às vezes o membro ficava dormente por quase o dia todo. A música contagiou. Em minutos todos estavam abanando a cabeça. Os lábios se moviam descompassadamente.. O segurança não fez nada. Sacou uns trocados e pôs no porta-violão. Clóvis não tirou os olhos da mulher. Havia algo de magnético nos seios dela. E ela não devolveu o olhar uma vez sequer. Tinha certeza. Ele contou.

“Quinze minutos, acredita?”, ouviu uma senhora sussurrar.

O trem já estava parado um bom tempo, Clóvis percebeu. . Uma turba ao final do vagão. Era um homem grande e forte vestido de mulher. Discutia com outro, que segurava uma Bíblia. Elevava o tom da voz para intimidar. A maneira como falava perturbava Clóvis. O homem lembrava o pessoal da universidade. O trejeito e as palavras eram as mesmas usadas na forma e ordem que o das pessoas que o levaram ao quarto, que tiraram sua roupa e o sufocaram, que ficaram íntimas e se imprimiram como ferro de marcar gado em sua mente. Então, não era apenas uma lembrança. Outro ponto negativo da droga. Quando algo ruim fustigava o fundo da memória, trazendo-a a tona, aquela coisa geralmente ruim. Sentia o cheiro de cigarro, o toque de mãos frias onde não havia nada. E se isso acontecesse, só poderia tomar mais uma dose.

Vozes começaram a soar das caixas acústicas do vagão. Mas não dava para entender. Ora parecia voz infantil, ora assemelhava-se ao eco distante da voz do homem vestido de mulher. Clóvis tateou o fundo da bolsa. Abriu a tampa do plástico. Não havia mais do que um comprimido. Um não era a dose adequada, mas deveria valer. O som de estática aumentou, mudou para um barulho de cordas vocais rasgadas. Ele esmagou entre os dentes e tentou diluir o mais rápido sob a língua. Não suportaria mais. Precisava fugir. Eles estavam próximos. Queriam escapar do buraco na mente feito vermes de fruta. O falatório estava ficando turbulento. As pessoas se agitavam. A fome e o cansaço fomentavam a ira de alguns. Não necessitaram mais do que poucas horas contidos como animais numa jaula. Algumas discutiam formas de sair dali.

“Calma, pessoal”, berrou o segurança. Ninguém obedeceu. Dois homens e uma mulher tentaram abrir uma porta. Insistiram, o mecanismo cedeu. O segurança correu agitando o cassetete. Clóvis irrompeu em frenesi quando o homem vestido de mulher começou a gritar algo sobre violência policial. O coração palpitou igual ao de um velho. Teve vontade de vomitar o estômago. A saliva correu pelo canto da boca. Ele limpou. Fechou os olhos até arderem nas órbitas. Não podia sair de controle. A mente não era mais um bom refúgio,

então tinha que ir para longe. Deveria achar a saída de emergência da própria cabeça. Os encanamentos de esgoto que conduziam para fora daquele lugar miserável. De repente, uma palavra se acendeu como escrita por uma chama.

Inferno.

O ruído das caixas de som dessa vez viera agudo, quase inaudível. Todavia, ele compreendera bem a mensagem, o sinal. Nada havia começado ainda. Era apenas um prelúdio. Um círculo familiar onde fim precedia o princípio. Um túnel aberto. Atravessava o tempo e o espaço, dentro e fora de sua mente. O caminho direto para seu próprio Inferno.

O mundo se abriu assim que a luz se apagou.

Uma camada de silêncio cobriu todo o vagão. Poderia ser o espaço cósmico. Apenas ondas de energia e radiação atravessando seu corpo sem fazer ruído. Matando-o de dentro para fora.

Clóvis meteu a mão no bolso da camisa e sacou o isqueiro.

Acendeu.

A respiração travou. A breve chama tremulou a sombra de sua cabeça. As paredes eram turvas, quase dava para ver do lado de fora. O vagão parecia ter aumentado, não sabia dizer exatamente. Era como se tivessem grudado nas paredes do túnel, feito um cano entupido. Tentou deduzir se era cinza, ferrugem ou sangue. Não era nenhuma. Não havia cor. Podia ser só impressão. Arriscou um grito. E esperou a resposta olhando atentamente as caixas acústicas.